

O ESCUDO ANTIMÍSSEL NA EUROPA E A CRISE NA UCRÂNIA

AUTORA: Valeska Ferrazza Monteiro (Graduanda Relações Internacionais UFRGS)

ORIENTADOR: Prof. Dr. José Miguel Quedi Martins (UFRGS)



pro-pesq
Pró-Reitoria de Pesquisa - UFRGS

Uma Discussão Sobre Polaridade no Sistema Internacional

OBJETIVOS

(I) Estudar a conexão entre a Crise Ucraniana e o Escudo Antimíssil; (II) Investigar e pesquisar as conexões entre o escudo antimíssil e a guerra nuclear; (III) Diferenciar a posse de arsenais nucleares da capacidade de segundo ataque; (IV) Prospectar a relação entre o escudo antimíssil, a crise ucraniana e o equilíbrio internacional.

HIPÓTESES

(I) Há uma relação de determinação recíproca entre o Escudo Antimíssil e a Crise Ucraniana; (II) O Escudo Antimíssil pode privar a Rússia de capacidades nucleares de segundo ataque; (III) Capacidade de segundo ataque é um atributo das grandes potências; (IV) O Escudo Antimíssil e a crise ucraniana afetam o equilíbrio internacional.

O ESCUDO ANTIMÍSSEL

O Escudo Antimíssil é um dispositivo que conjuga mísseis antiaéreos (SAMs), radares, computadores e estações de comando e controle, com o propósito de abater Mísseis Balísticos Intercontinentais (ICBMs). A sua versão europeia tem sua mais recente origem na *National Missile Defense* (NMD) dos Estados Unidos, lançada na *Public Law 106-38*, de 1999. O processo de instalação do Escudo Antimíssil Europeu teve início em 2001, no governo Bush, com o objetivo declarado de proteger os Estados Unidos (EUA) e seus aliados europeus de mísseis iranianos.



Fonte: OBAMA SHELVES..., 2009.

Atualmente, ele consiste em um sistema de satélites e de mísseis antiaéreos instalados em terra no continente europeu, mais especificamente na República Tcheca e na Polônia. Dadas suas potencialidades e alcance, ele pode afetar a capacidade da Rússia em responder a um ataque nuclear com outro – segundo ataque. Isso ocorreria porque os mísseis russos poderiam ser abatidos pelos SAMs do Escudo.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

Como já concluiu Larlecianne Piccoli, o Escudo Antimíssil Europeu é um importante determinante da política externa e de segurança (PES) da Rússia, por constranger diretamente suas capacidades estratégicas. Com a crise na Ucrânia e a possibilidade do país ingressar na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), há a perspectiva de mudança na área de abrangência do Escudo, o qual se expandiria ainda mais ao leste, potencializando essa ameaça. Essa pesquisa, contudo, se propõe a ir adiante ao concluir que o escudo antimíssil atualiza o debate acerca das áreas de influência, considerando-as como atributo da multipolaridade atualmente.

Portanto, em pesquisas futuras, deve-se investigar o aparente paradoxo contido na importância das fronteiras na era da globalização: o fato é que as capacidades embarcadas do Escudo (navios e aviões) demandam das grandes potências um perímetro mínimo de segurança para que possam resguardar ou manter suas capacidades de segundo ataque.

REFERÊNCIAS

FISCHER, Louis. A Vida de Lênin. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1997. Cap. 11 p. 224 – 252; PICCOLLI, Larlecianne. Europa enquanto condicionante da política externa e de segurança da Rússia: O Papel da Defesa Antimíssil. 73 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Ufrgs, Porto Alegre, 2012; MEARSHEIMER, John. A Tragédia da Política das Grandes Potências. Lisboa: Gradiva, 2007; WALTZ, Kenneth. Theory of International Politics. Long Grove: Waveland Press, 1979. p. 180-181;

SIMULAÇÃO DA INSTALAÇÃO DE MÍSSEIS NA BASE DE KIEV, UCRÂNIA



Base Vasylykiv, localizada em Kiev.

- IA/B: RIM 161 SM-3 Bloc IA e Bloc IB, ambos com alcance de aproximadamente 700 quilômetros.
- IIA: RIM 161 SM-3 Bloc IIA tipo Aegis com alcance de aproximadamente 2500 quilômetros.

Imagem elaborada por Lucas Santos e Michelle Batista; Google maps.

DESENVOLVIMENTO

O trabalho percorre cinco passos analíticos consecutivos e complementares: (i) reconhece a Conferência de Yalta, de 1945, e a sua excepcionalidade à luz dos valores dominantes no sistema internacional (SI) após a Conferência de Versalhes, de 1919. Esses valores estavam relacionados com a autodeterminação dos povos e com a ideia de “nação” como critério da soberania estatal e eram encontrados tanto nos discursos de Vladimir Lênin como nos de Woodrow Wilson. A Conferência de Yalta, entretanto, definiu o SI em termos de áreas de influência, divergindo das ideias de Wilson e Lênin em Versalhes. Com a definição de Yalta, a Guerra Fria surgirá como um esforço por parte dos EUA no sentido de não aceitar o retorno às esferas de influência e, por isso, negar à Rússia uma esfera própria. (ii) trata do período final da Guerra Fria e da “Doutrina Sinatra”, do governo Gorbachev, significando um retorno aos ideais de Wilson e Lênin da autodeterminação dos povos. Acreditava-se que, dessa forma, os EUA deixariam de empreender o esforço de negar uma área de influência à Rússia. (iii) aborda a não realização dessa Doutrina através da expansão da OTAN para o Leste, expressa na formalização da adesão à OTAN de Hungria, Polônia e República Tcheca – três países do antigo Pacto de Varsóvia – em março de 1999. (iv) explica a implantação do escudo antimíssil propriamente dito (v) discute a questão da Ucrânia à luz da possível expansão do escudo antimíssil para o país e sua entrada na OTAN.



Contato: valeska.ferrazza@gmail.com
Trabalho Exposto no XXVI Salão de Iniciação Científica da UFRGS
Porto Alegre, 20 a 24 de Outubro de 2014

